

**COLÉGIO PEDRO II**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,**  
**EXTENSÃO E CULTURA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LATU SENSO –**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM SABERES E FAZERES**  
**NO ENSINO DE ARTES VISUAIS**

**ANA CLARA CEIA CASTRO DOS SANTOS**

**CADERNO-COLCHA: COSTURA ENQUANTO**  
**SUBVERSÃO E CRIAÇÃO DE FRESTAS**

Rio de Janeiro  
2025

**ANA CLARA CEIA CASTRO DOS SANTOS**

**CADERNO-COLCHA: COSTURA ENQUANTO SUBVERSÃO E CRIAÇÃO  
DE FRESTAS**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentada ao Programa de Especialização Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador(a): Profa. Dra. Analu Steffen

Rio de Janeiro  
2025

**COLÉGIO PEDRO II**

**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA**

**BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER**

**CATALOGAÇÃO NA FONTE**

S237 Santos, Ana Clara Ceia Castro dos  
Caderno-colcha : costura enquanto subversão e criação de frestas /  
Ana Clara Ceia Castro dos Santos. – Rio de Janeiro, 2025.

51 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Saberes e  
Fazeres no Ensino de Artes Visuais) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria  
de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientadora: Analu Steffen.

1. Artes visuais - Estudo e ensino. 2. Trabalhos em tecido. 3.  
Mitologia grega. 4. Costura. 5. Caderno de artista. 6.  
Representatividade. I. Steffen, Analu. II. Colégio Pedro II. III Título.

CDD 707

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

**ANA CLARA CEIA CASTRO DOS SANTOS**

**CADERNO-COLCHA: COSTURA ENQUANTO SUBVERSÃO E CRIAÇÃO  
DE FRESTAS**

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Especialização Saberes e Fazeres no Ensino de Ensino de Artes Visuais, vinculado à Pró-reitora de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação de Artes Visuais.

Aprovado em: 16 / 08 / 2025

Banca Examinadora:

---

Dr. Analu Steffen (Orientadora)  
Colégio Pedro II

---

Dr. Edvandro Luise Sombrio de Souza  
Colégio Pedro II

---

Dr. Rafael Schultz Myczkowski  
Instituto Nacional de Educação de Surdos

Rio de Janeiro  
2025

Para as mulheres que formaram quem sou.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, Aileen, por sempre acreditar no caminho que escolhi, mesmo desconfiando dele. À minha avó, Claudete, por ter sido essa figura controversa em minha vida, mas que, se não fosse por ela, eu não seria eu. À minha irmã, Alice, e ao meu irmão, Arthur, por me amarem e por mim serem amados de volta. À minha tia, Ariana, por sempre cuidar de mim.

Agradeço também aos meus grandes amigos, Raabe e Daniel, que me acompanharam nessa jornada e me ampararam quando foi necessário, e ao meu bem, Francisco, por ser meu grande apoiador na escrita, nas artes e na vida.

Queria agradecer ainda à minha orientadora, grande Analu, por ser a melhor que eu poderia escolher e com quem dividi ótimos encontros de estudo no Boteco 98.

Por fim, agradeço a todos os professores da Especialização em *Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais*, pois poder participar dessa turma foi um grande sonho no mundo real.

## RESUMO

SANTOS, Ana Clara Ceia Castro dos. **Caderno-colcha: Costura enquanto subversão e criação de frestas**. 2025. Monografia (Especialização) – Colégio Pedro II, Pró-reitora de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Programa de Especialização Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, Rio de Janeiro, 2025.

O trabalho consiste em uma pesquisa sobre figuras femininas ligadas à produção têxtil dentro da mitologia grega, com foco em Penélope, personagem do épico *Odisseia*, de Homero, e seus paralelos com as mulheres contemporâneas. Ao refletir sobre os papéis de gênero dentro da nossa atual sociedade, partindo da herança grega, observa-se a subversão do têxtil enquanto instrumento de dominação de gênero e o *fazer especial* presente na produção ligada aos fios. O caderno-colcha é produzido a partir de páginas-retalho que traduzem o percurso mental autorreferencial traçado durante sua produção, bem como as influências advindas das aulas da pós-graduação, de artistas e de obras, de vivências pessoais docentes, em feitura que não se dobra a uma cronologia, mas a um fluxo de pensamento espiralado. Composto por uma diversidade de produções têxteis, o caderno-colcha se propõe como um espaço físico de reflexões contínuas sobre o feminino, sobre a docência e sobre a potência do têxtil.

**Palavras-chave:** mitologia grega, têxtil, feminino, subversão, ensino de Artes Visuais.

## ABSTRACT

SANTOS, Ana Clara Ceia Castro dos. **Caderno-colcha: Costura enquanto subversão e criação de frestas**. 2025. Monografia (Especialização) – Colégio Pedro II, Pró-reitora de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Programa de Especialização Saberes e Fazer no Ensino de Artes Visuais, Rio de Janeiro, 2025.

The work consists of research on female figures associated with textile production within Greek mythology, focusing on Penelope, a character from Homer's epic *Odyssey*, and her parallels with contemporary women. By reflecting on gender roles within our current society, based on Greek heritage, we observe the subversion of textiles as an instrument of gender domination and the special craftsmanship present in thread-related production. The quilt-notebook is produced from patchwork pages that translate the self-referential mental journey traced during its creation, as well as the influences derived from postgraduate classes, artists and artworks, and from personal teaching experiences, in a making that does not follow a chronological order but rather a spiraling flow of thought. Composed of a diversity of textile productions, the quilt-notebook is proposed as a physical space for continuous reflections on the feminine, on teaching, and on the power of textiles.

**Keywords:** greek mythology, textile, feminine, subversion, Visual Arts education.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 OS RETALHOS .....</b>	<b>13</b>
<b>3 A ESPIRAL.....</b>	<b>23</b>
<b>4 A COSTURA.....</b>	<b>26</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>48</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>50</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O trabalho nasce a partir do meu interesse pessoal pela atividade têxtil, que me introduziu ao mundo artístico. Essas produções foram importantes, pois além de despertarem meu interesse pelas artes visuais, fizeram com que eu pudesse criar uma ligação com a minha avó paterna. Costureira, ela me ensinou como manusear sua máquina de costura, a ter paciência e a ver a costura não só como reprodução de técnicas, mas como potência artística.

Durante minha formação acadêmica, percebi a falta de atenção para com as manualidades artesanais, principalmente a têxtil, o que me incomodou. Como uma produção tão extensa, com diversas técnicas e histórias, não tem um momento de destaque dentro da licenciatura em Artes Visuais? E a resposta estava dentro do próprio campo das artes, que ainda tende a valorizar as produções europeias, masculinas e brancas.

Comecei a refletir sobre como o apagamento de diversas produções artísticas e culturais dentro da academia afetaram a minha formação enquanto futura docente, e esse foi um dos principais motivos para buscar uma pós-graduação. Embora atualmente exista um movimento maior para discutir essas questões, ligadas a uma crescente nas pesquisas descoloniais, ainda há uma lacuna muito grande a esse respeito nas graduações.

A especialização em *Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais*, do Colégio Pedro II, além de me interessar por ser um curso da instituição em que me formei no ensino básico, que me desenhou como pessoa e, posteriormente, como professora de Artes Visuais, possui um currículo e um corpo docente que preenchem essas lacunas de forma esplendorosa. As aulas foram prazerosas, os professores, muito acolhedores, e os conteúdos, muito atuais. Todo percurso contribuiu ativamente para a feitura deste caderno de artista, que ganhou corpo após discussões de artistas e de obras apresentados, e após trocas com os outros alunos e professores.

Além de me dar o espaço para poder voltar minha pesquisa artística e docente para a questão têxtil, que tanto me agrada, pude me aprofundar sobre a história de diferentes técnicas têxteis e suas ligações com o feminino, pude expandir meus referenciais artísticos e historiográficos ligados à produção têxtil. O curso também preencheu uma lacuna da minha formação, que é a pesquisa, pois me formei em umas das últimas turmas da UFRJ em Licenciatura em Artes Visuais, que não teve o Trabalho de Conclusão de Curso, o que limitou meu entendimento sobre pesquisa acadêmica.

Este trabalho é fruto de uma pesquisa escrita, imagética e histórica sobre a ligação da produção têxtil com a dominação de gênero na cultura ocidental, mas principalmente

com a subversão dessa ligação para possibilitar a criação de frestas que alarguem a sobrevivência e o empoderamento feminino. O caderno é a costura desses retalhos de pensamentos, que conectam o passado, o presente e o futuro, a partir da perspectiva do tempo como uma espiral. Assim, de forma autorreferenciada, esclareço para mim mesma como essas questões se conectam com a minha persona docente e artística.

## 2 OS RETALHOS

Lembro dos meus momentos de férias, quando podia ficar acordada até tarde com a minha vó, de vê-la, à sua máquina, costurando fronhas, lençóis, vestidos. Sozinhas na madrugada, não tão silenciosa por conta do barulho da costura, que antes era o sustento, e que agora se tornava passatempo nas noites de insônia. Fui eu a única neta das sete a se interessar pelas suas produções manuais — que iam da costura ao crochê — e foi ela a pessoa a me ensinar a construir uma colcha de retalhos, com seus pedaços antigos de pano e a costura reta.

Era muito encantador ver como aquela colcha ia tomando vida com o passar dos dias, de forma lenta e gradual. Era mágico ver como as minhas mãos tinham o poder de transformar e de criar novas formas. O que poderia ser desinteressante para uma criança se transformou no meu caminho para o mundo artístico. Era um fazer especial. Esse *fazer especial* que foi passado da minha vó para mim, assim como a ela foi passado por sua mãe, e assim por diante: naquele momento, ela plantou uma semente, que germinou no processo de construção deste caderno de artista.

O *fazer especial* é um conceito desenvolvido por Richter (2003), que aponta para a tendência fundamental do comportamento humano: a estética — tão distinta e universal quanto a fala ou a produção e utilização de ferramentas. Esse fazer pode ir desde o embelezamento de um objeto cotidiano até a produção de artefatos ou a um objeto de arte contemporânea. Assim, é possível compreender a necessidade humana de expressar sua subjetividade de forma estética dentro do cotidiano. A produção de minha avó, dessa forma, vai além de apenas um passatempo das madrugadas, manifestando sua necessidade de elaboração e reflexão artística, dentro do que ela sabia.

Por mais que seja um conceito simples, de acordo com a autora, que deixa de lado aspectos significativos da noção de arte dentro da modernidade, como a ideia de objeto de arte, o cubo branco ou a historiografia da arte ocidental, é um ponto de partida para se pensar além das imposições acadêmicas em arte. A colcha de retalhos, entre tantas outras artesanias têxteis, faz parte desse *fazer especial*, conceito que nos possibilita expandir nossa compreensão do que é arte, de modo a integrar objetos que são rejeitados pela tradição moderna, como artesanato e como produção de objetos de culturas não-ocidentais, pensando no seu valor estético e os colocando na mesma categoria de arte (2003, p. 23).

A produção têxtil teve seu valor reduzido dentro desse sistema de arte moderna ocidental: muitas das produções de bordado, costura e tapeçaria, foram esnobadas por

terem uma ligação muito forte com a ideia de feminilidade construída dentro dos sistemas de sociedades ocidentais. Essa feminilidade, que estava ligada com o fazer doméstico, doutrinado, de cuidado com o outro e de delicadeza, poderia ser desenvolvido por meio dessas produções têxteis.

Essas produções têxteis não possuem valor estético menor, mas são subalternizadas dentro do mercado de arte que possui ideais concretas do que deve ser valorizado, dentro de uma noção de sociedade que determina o valor intelectual produzido pelos indivíduos a partir do seu lugar social – também determinado. Logo, esses valores fazem parte de uma herança ocidental que é interpretada a partir do que interessa para a perpetuação desse sistema.

Nossos valores estéticos, que adentram não só o campo da arte, carregam consigo a nossa tradição ocidental, que é construída durante a modernidade, com a retomada dos ideais gregos de arte. Esses ideais permeiam diversas camadas da nossa sociedade, como modelo político, hierarquias sociais, mitologias e seus arquétipos. Nogueira (2017), em seu livro *Mulheres e Deusas*, analisa diversos arquétipos da mulher em diferentes sociedades, afirmando que “investigar os mitos femininos também é uma boa maneira de se falar sobre homens” (Nogueira, 2017, p. 17), apresentando suas limitações enquanto um autor masculino que se propõe a discutir essas histórias de mulheres. No primeiro capítulo, voltado para a mitologia grega, destaca a nossa herança, enquanto homens e mulheres contemporâneas ocidentais, como “uma estrutura de organização social regida pelo poder patriarcal”, no qual ao “homem era dado o espaço público e as mulheres o domínio do lar” (Nogueira, 2017, p. 17).

Assim, herdamos também esses arquétipos femininos, estruturados pelas mitologias. Hera, Héstia, Ártemis, Atena e outras figuras femininas, carregam consigo temas como as vantagens e os perigos da beleza, a rivalidade entre mulheres, o casamento e a infidelidade (Nogueira, 2017), que até hoje fazem parte do cotidiano feminino com tanta vivacidade. Assim, debruço-me aqui principalmente sobre os mitos gregos que envolvem a produção têxtil feminina, de modo a provocar uma conexão ancestral com esse fazer entre as mulheres e as figuras mitológicas, como as Moiras, Aracne e Penélope. Com foco não na técnica desenvolvida, mas em sua manipulação, em sua produção por mulheres e no poder envolto nessas técnicas. Ora, como em toda técnica, evoluções acontecem: atualmente, ainda é possível fiar e tecer, mas, na Grécia Antiga, costurar em uma máquina não era uma possibilidade, por não existirem meios. As ações de fiar e de tecer, contudo, ainda continuam sendo associados à figura feminina.

Logo, por meio deste texto, construo uma ponte entre os mitos gregos e o *fazer especial* de mulheres na contemporaneidade, construindo um contraponto às ideias que são intencionalmente ligadas à feminilidade moderna. Os três mitos, por muito tempo, foram vistos como exemplos de dominação, fidelidade e poder sobre o feminino, reforçando esses ideais. Contudo, a partir de uma análise anacrônica, dentro do contexto atual em que os estudos de gênero e feminismo avançaram, esses três mitos aparecem como frestas dentro de uma luta minuciosa, trazendo o poder para as mãos femininas, que lutam enquanto fiam, bordam e costuram.

De primeira, as Moiras – ou Parcas – surgem por sua grande presença na cultura. Podemos encontrar tapeçarias medievais com a imagem das fiandeiras do ciclo da vida. As deusas eram filhas de Cronos, Rei entre os titãs e personificação do tempo, e Nix, a personificação da noite. Cloto, Laquesis e Átropos fiam as vidas de todos os seres humanos e deuses, decidindo o destino de cada ser, seus momentos de sorte e de azar, por meio da roda da fortuna, e cortando o fio da vida quando chegado o tempo. Presentes na *Iliada* e na *Odisseia*, épicos que regem grande parte da Literatura ocidental, as Moiras trazem um caráter mágico e poderoso ao fiar, pois o destino de tudo que vive é decidido por suas mãos, que traduzem a vontade das deusas.

Desde o nascimento, o destino já era decidido pelas mãos das fiandeiras: Cloto iniciava o fio, unindo as fibras para que Laquesis tencionasse, ajustando sua grossura durante a vida, até que Átropos, com sua tesoura, cortasse o fio, determinando até onde iria aquela vida. Onipresentes, oniscientes e onipotentes, as Moiras tinham poder sobre o destino de seres humanos e deuses: todo o percurso, todas as escolhas, todos os caminhos eram decididos por elas. Era comum, assim que uma criança nascia, as mães colocarem oferendas para as Moiras, com a intenção de agradá-las, e tentar prover um bom destino para o bebê que acabara de nascer.

É delas o poder de decidir a vida dos outros e, segundo a concepção grega, tal decisão não pode ser quebrada, sem despedaçar o fluxo do universo (Bezerra, 2006, p.14). Esse poder vem do fio, que é fiado, esticado e cortado pela mão de Deusas. As Moiras nos dão como herança esse fio, que se estende por toda linha da história e que continua a ser fiado pelas mãos de mulheres que constroem seu próprio caminho com a sua produção.

Aracne é uma dessas figuras que tenta quebrar com o fluxo, mas tem seu destino atravessado por uma vontade maior e seu lugar reafirmado por ele. Com base na mitologia grega, mas com o primeiro registro encontrado em língua latina, escrito pelo poeta

romano Ovídio em 43 a.C., é narrado o embate entre Aracne e Palas-Atena para os gregos. Importante destacar que, por mais que esse escrito seja romano, muito da cultura e da religião gregas foi aproveitado com o domínio romano da Grécia. Roma e seu império também exercem grande influência nas tradições ocidentais, e muito do que conhecemos sobre a cultura Grega se deve aos romanos.

No mito, a deusa da sabedoria, da estratégia em batalha, das artes, da justiça e da civilização, cria o tear, instrumento pelo qual Aracne é conhecida. Vinda de uma família de plebeus, é por meio da tecelagem que ela muda seu destino, pois ela “não era famosa pelo lugar de nascimento ou pela origem de sua família, mas por seu talento” (Ovídio, 2014, p 135). Cheia de si, Aracne se gaba de seus produtos, proclama em voz alta que é melhor do que a própria Palas, criadora do tear, que escuta e se disfarça de idosa. Camuflada, Palas tenta dar um conselho a Aracne: que se desculpasse com a deusa pelas falas que proferiu, pois ela sempre concede o perdão a quem solicita. A tecelã se revolta com a velha, não suspeitando se tratar da deusa, e retruca, afirmando que a própria Palas deveria desafiá-la no instrumento.

De pronto, Palas se revelou, o que não intimidou a jovem, e as duas se posicionaram em cantos diferentes para continuar o embate. A deusa produziu uma bela tapeçaria, que vangloriava seus iguais e a si mesma, reforçando a imponentia dos Deuses com bordados em cada canto, mostrando os destinos de seres humanos que ousaram desafiar os deuses. Aracne, por sua vez, produziu a imagem de violências e mentiras dos Deuses a mulheres, como Júpiter (ou Zeus) disfarçado de Cisne ou como Anfitrião, com Heras entrelaçadas em suas bordas. Palas, furiosa, lançou sua lança na obra, destruindo-a. Aracne, temendo seu destino, amarra em seu pescoço um laço, mas a Deusa impede que a plebeia retire a vida, transformando-a em aranha, para que só reste a ela tecer para todo o sempre.

Nesse segundo mito, Aracne desafiou o que há de maior, o poder dos deuses, apenas com o seu tear. Como pode ela, uma humana, achar que o que os deuses fazem é errado? Não deveria ser dela o poder de julgar, muito menos denunciar os horrores e abusos feitos aos seres humanos? Contudo, ela reivindica esse poder para si e constrói a imagem quebrando com o lugar a que foi destinada, por mais que seu fim seja trágico.

Os dois mitos trazem o poder para o *fazer especial* das mulheres e também para um vislumbre das ideias sobre o lugar do feminino dentro da sociedade ocidental. Por meio dessas histórias podemos conhecer a cultura que nos foi herdada, sua forma de organização do pensamento, além de entender como essa tradição se perpetua na

atualidade. Contudo, também nos permite, a partir dessa análise anacrônica, com base nos estudos desenvolvidos através das décadas sobre gênero e papéis sociais, conectar essas histórias de poder, luta e resistência com a realidade.

Assim, ir além do que é historicamente ligado ao ser feminino, como a delicadeza e o ambiente doméstico, eleva seu valor dentro da sociedade e, de certa forma, evidencia o que o têxtil tem de mágico. Além do seu fazer, que, quando criança, me encantou, ele carrega consigo uma herança de histórias, que lhe dão ainda mais força e poder, subvertendo o que foi construído como dominação dentro da lógica binarista de papéis de gênero, possibilitando o criar como ferramenta de vivência, alargando de forma minuciosa as possibilidades de existir.

Dentro dessas narrativas que envolvem o feminino e o têxtil na mitologia greco-romana, Penélope é uma das personagens que, dentro do meu contexto de produção artística e docente, melhor dialoga com as construções desses fazeres. Embora por muitas vezes vista como um exemplo de fidelidade ao marido, proponho uma outra análise de sua história, entendendo que a sua fidelidade era a ela mesma.

Na *Odisseia*, o herói vencedor da guerra de Tróia, após desrespeitar os deuses, é impedido de voltar para casa. O desrespeito foi tão grande, que a própria deusa Atena se encarrega de impedir que Ulisses retorne a Ítaca, terra de onde é Rei. Assim, o herói fica 20 anos sem ver seu filho, Telêmaco, o qual tinha visto pela última vez recém-nascido, e sua esposa Penélope, que é forçada a abandonar a esperança de que seu amado retorne para cumprir seu papel.

Ulisses, embora seja o personagem principal da história de Homero, não será o assunto nesse texto, e sim sua amada, Penélope. Essa que, pelos primeiros cantos da *Odisseia*, pouco fala, mas é descrita em muitos diálogos – entre homens que querem tomar sua mão em casamento, a qualquer custo. Com Ulisses desaparecido e dado como morto, o lugar de Rei de Ítaca fica vazio: Telêmaco, embora seja o homem da casa, ainda não tem idade ou conhecimento para ser Rei, além de ter esperança de que seu amado pai, do qual não possui memória, retorne. Logo, casar-se com Penélope é o caminho que quase todo homem de Ítaca quer seguir.

A ideia de ser forçada a escolher outro pretendente a destrói, mas o único outro caminho possível para ela seria retornar à casa de seu pai, em Esparta. Penélope é sempre descrita como a mais bonita entre as mulheres de Ítaca, a inteligente entre seus pares, além de ser o caminho para que um de seus pretendentes se torne Rei. Com isso, a

personagem se torna um *objeto de desejo* e poder, não mais uma pessoa que está a sofrer com o luto de sua casa em ruínas.

A liberdade de escolher manter sua esperança e esperar o retorno do amado, ou qualquer outro caminho fora dos escolhidos por terceiros, torna-se impossível. Penélope decide então enganar os Aqueus, com uma mentira que causa a ira dos pretendentes, que começam a morar em sua casa até que ela escolha um entre eles:

Jovens pretendentes! Visto que morreu o divino Ulisses,  
tende paciência (embora me cobiceis como esposa) até terminar  
esta veste - pois não queria ter fiado a lã em vão -,  
uma mortalha para o herói Laertes, para quando o atinja  
o destino deletério da morte irreversível,  
para que entre o povo nenhuma mulher me lance a censura  
de que jaz sem mortalha quem tantos haveres granjeou.  
(Homero, 2011, p.137)

Para fugir de seu terrível destino, Penélope utiliza do seu tear como arma: tece, durante o dia, uma vestimenta para Laertes e, durante a noite, à luz da tocha, desfaz o que foi feito à luz do sol. Ganhando assim três anos, quase quatro, de adiamento de seu terrível destino. Mentira que a salvaria, se não fosse a denúncia de uma criada para os seus pretendentes.

A partir desse momento, Telêmaco vai em busca de informações sobre seu pai, enquanto sua mãe é cada vez mais pressionada a seguir seu destino óbvio: escolher um entre seus pretendentes. Casar-se com Penélope era mais do que ter uma esposa, era um ato que significava se tornar rei de Ítaca. Era dela o poder de decidir quem tomaria o lugar de seu amado Ulisses, dado como morto por aqueles que cobiçavam seu trono – já que este não poderia ser de Penélope.

Contudo, a inteligência de Penélope permite que o tempo do destino, decidido pelas deusas fiandeiras, se cumpra, e que ela veja seu amado retornar para Ítaca. O tempo conquistado por ela foi essencial para que Ulisses encontrasse o caminho e para que Penélope subjugasse aqueles que queriam decidir seu destino por ela.

A fidelidade de Penélope era a ela mesma, a poder escolher o que era desejado em seu coração. Ciente do que era possível, utilizou as ferramentas que tinha para ter mais poder. Ao fiar e desfazer seu trabalho, Penélope decidia seu destino, encovando em seu fazer o poder que nem aos deuses era permitido: o de mudar o que era tido como verdade.

Quantas são as mulheres que fazem e desfazem para terem mais tempo? Na atualidade, esses fazeres têxteis, além da dimensão estética, presente na nossa necessidade de criar, possibilitam que mulheres mudem o que foi destinado a elas. Assim aumentando, alargando, fortificando o fio da vida por meio desse próprio fio com que costuram,

bordam, fazem crochê. Como uma forma de subversão, não apenas de seu destino, mas das suas produções, utilizam essas técnicas, ligadas ao feminino como ferramenta de dominação, para o seu sustento e de suas famílias. O fio, que é herdado das Moiras, e que passa por Aracne, dá mais tempo à Penélope e chega à contemporaneidade repleto de poder, deixando de ser subjugado como um simples objeto de dominação de gênero.

A tecelagem, a costura, o bordado são práticas associadas ao feminino em diferentes culturas. No Ocidente, essa associação foi construída com tal força, que se torna quase indissociável da ideia de feminilidade. Rozsika Parker, historiadora da arte, investiga em seu texto *Criação da Feminilidade* (2019), como essa associação foi sendo construída como uma forma de opressão patriarcal, ressaltando a ideia de uma mulher que borda, costura ou tece como uma mulher delicada, obediente, focada em voltar sua energia para o cuidado do outro.

Analisando de uma forma anacrônica, Penélope é forçada a se encaixar nessa objetificação, para cumprir seu papel enquanto mulher, mas utiliza dessa técnica ‘essencialmente’ feminina para lutar e tomar controle de seu próprio destino. Sendo assim um arquétipo muito presente na nossa sociedade atual, de mulheres que aprenderam técnicas têxteis por serem associadas à ideia de feminino, mas que a utilizam de forma subversiva, transformando o que deveria ser opressão em salvação. Assim, vão tornando-se independentes financeiramente, vendendo seus produtos, mantendo-se saudáveis psicologicamente quando se utilizam da camada meditativa proporcionada pela atividade de tecer e se expressando artisticamente através dessas técnicas.

Essas produções têxteis chegavam até as jovens meninas por muitos caminhos: pela tradição familiar, por cursos livres, ou até pelas escolas. Todos esses caminhos tinham a intenção de dar início à construção da esposa perfeita, moldando suas vidas a serviço do patriarcado. Assim, construía-se o ideal de feminilidade Ocidental no qual as mulheres “bordavam porque elas eram femininas por natureza, e as mulheres eram femininas porque elas por natureza bordavam” (Parker, 2019, p. 103).

No Brasil, graças à lei de 15 de outubro de 1827, a educação foi separada por gêneros – meninos de um lado e meninas do outro. Cada indivíduo poderia receber conteúdos específicos que seriam úteis em um futuro mercado de trabalho: meninos eram agraciados com geometria, matemática, e outros assuntos para ajudar a formar sua mentalidade racional, enquanto as meninas eram restritas às aulas de bordado e costura (Westin, 2020). Muitos dos argumentos utilizados por senadores da época do Brasil Império eram de que as mulheres não possuíam raciocínio lógico e atenção igual aos

homens. Assim, tinham o seu destino traçado pela instituição, que afirmava através dessas políticas o lugar social da mulher.

Apenas em 1854 que os currículos foram unificados, três décadas depois. Atualmente, a Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988) garante a igualdade de gênero dentro da educação brasileira, em conjunto com a LDB de 1996 (Brasil, 1996), que estabelece as diretrizes da educação brasileira.

Existir em uma hegemonia, enquanto se é pessoa que foge do que é considerado padrão – mulher, negra, indígena, LGBTQIAPN+, pessoa com deficiência – é viver procurando frestas que possam ser alargadas o suficiente para ter conforto, lutar por uma vida digna e poder ser, além de apenas sobreviver. A costura, o bordado, o crochê, entre outras técnicas têxteis, apresentam-se como uma fresta possível de ser alargada. Técnicas utilizadas para reforçar os sistemas de poder da sociedade ocidental, construir ideias inalcançáveis e manter a casa como dever feminino, mas que comumente se transformaram em sobrevivência.

Essa fresta, rachadura ou greta, apresenta-se a partir de um olhar para o dia a dia, pois é preciso que estejamos “atentos para compreender as naturalizações violentas dos cotidianos” (Walsh, 2019, p. 149). Não com a intenção de revidar ou agir na mesma moeda, mas de desestabilizar a estrutura social, para que outras possibilidades de vivência se desenvolvam: para lutar por aquilo que é necessário com os meios disponíveis. Os *fazeres especiais* vão além da necessidade estética: neles se desdobram essas frestas para que viver seja possível, e para que possamos ganhar mais tempo – como o fez Penélope.

Graças a esses produtos, muitas mulheres puderam ter uma renda extra para ajudar em casa, sustentar os filhos e sair de relacionamentos abusivos. Ganharam mais tempo. Minha avó foi costureira por muitos anos e, graças a isso, conseguiu sustentar os três filhos na ausência do pai deles.

No documentário *O fio que Sustenta* (2023), as mulheres, que trabalham com o algodão, gravam relatos da produção de algodão no Vale do Jequitinhonha. As mulheres do Vale do Jequitinhonha, na comunidade de Tocoíós veem no algodão seu sustento, passando de geração em geração os conhecimentos de fiar, tecer, tingir e costurar para que as meninas mantenham vivo esse legado, e tenham como se sustentar.

Além da função financeira, essencial dentro do sistema capitalista, a produção têxtil também possui camada meditativa. Em algumas das entrevistadas, as mulheres sobre como, durante o processo, elas conversam com si mesmas, refletem sobre as suas vivências e ainda podem conversar umas com as outras. O algodão faz parte da vida delas

para além do financeiro, é com ele que elas se vestem, criam remédios e reverenciam a terra por meio dessa tradição. É o fio de algodão mineiro que delinea o destino dessas mulheres, que dá-lhes o poder de decidir o presente e o futuro.

Esses momentos de união, são despertados por esses fazeres, como um dos poucos momentos em que o cuidado não é voltado para o outro. Faz parte do imaginário de feminilidade moderna que a mulher seja cuidadora do lar, dos filhos, do marido, e nunca dela mesma. Os fazeres têxteis, com a sua dimensão meditativa, possibilitam a reflexão interna sobre ideias, sentimentos, manias, e a reflexão externa, de poder ser acolhida com a conversa durante o fazer em grupo.

Parker comenta em seu texto como esses momentos de reunião para os trabalhos têxteis eram os únicos momentos em que as mulheres vitorianas não se sentiam culpadas de não se voltarem para a família:

[...] Instadas a bordar roupas e utensílios, estimuladas a enxergarem essa tarefa como uma expressão natural sua, as mulheres ainda assim eram acusadas de vaidade quando bordavam para si mesmas. O estereótipo do bordado como uma ocupação frívola e vaidosa, como estereótipo da bordadeira silenciosa e sedutora, controla e solapa o poder e o prazer que mulheres encontraram no bordado, apresentando-o para nós de forma negativa. Ainda assim, mulheres encontraram grande contentamento na atividade. (...) Ela também notou o vínculo que o bordado criava entre as mulheres; ele permitia que elas se reunissem sem sentir que estavam negligenciando suas famílias, perdendo tempo ou traindo seus maridos ao desenvolverem seus próprios laços sociais. (Parker, 2019, p. 106).

Assim, era possível desenvolver conexões fora da esfera familiar, dando vazão a seus desejos coletivos de individualização – de ser alguém para além da família, além de entrar em uma prática meditativa durante a repetição do processo têxtil, que possui uma lentidão dentro de um ritmo repetitivo. As mulheres do Vale do Jequitinhonha ou dos grupos femininos vitorianos têm muito em comum, pensando na necessidade das mulheres de se encontrarem com seus pares dentro do contexto da conversa, entre elas e consigo mesmas.

Como Penélope, que se sustenta enquanto pessoa quando se possibilita existir em uma terceira via, que ela própria constrói ao fazer e desfazer a veste. Rebelando-se dentro das frestas possíveis, vê-se uma luta minuciosa contra o que lhe é imposto enquanto verdade única.

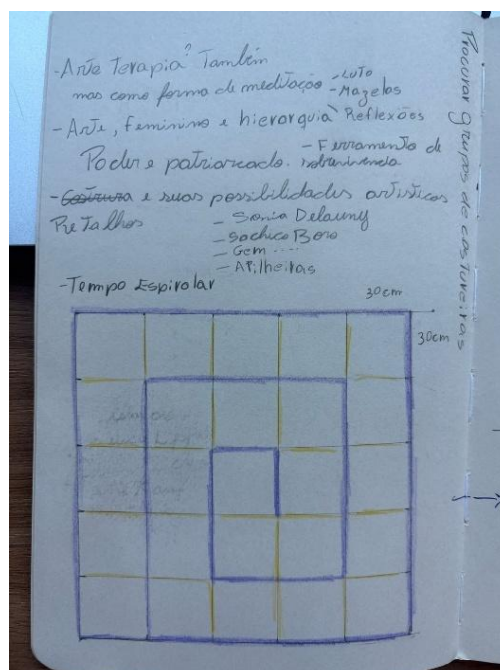
As ideias expostas fazem parte do cosmos da construção deste caderno-colcha, feito de páginas-retalhos que representam o percurso da pós-graduação, da minha construção enquanto docente e da expansão de horizontes sobre o fazer artístico, com o foco para o fazer têxtil feminino. A colcha de retalho aparece como suporte para unir

essas ideias, pois é uma técnica que, por meio da costura, unifica tecidos de tamanhos e texturas diferentes. Assim, a linha física entra como metáfora do fluxo de consciência que costura todas essas ideias, a princípio distanciadas umas das outras.

Contudo, não queria que a colcha perdesse o formato de caderno, por ser uma forma muito marcante e que carrega um simbolismo muito grande, tanto no campo das Artes Visuais, quanto no campo da educação. O caderno nos acompanha durante as anotações, rascunhos, matérias, desenhos, rabiscos. Ele é um lugar fértil para as ideias florescerem. Com isso, o formato da colcha-caderno teve inspiração em um recorte de zine, em que o papel é cortado em espiral. Logo, o tecido da colcha foi cortado em retalhos, formando vinte e cinco páginas-retalhos, que foram unidas pela costura seguindo a inspiração.

### 3 A ESPIRAL

**Figura 1 - Projeto**



Fonte: Acervo da Autora, 2025.

A zine, uma forma de publicação independente, utiliza-se de diferentes formas para cortar uma folha de papel, com a intenção de transformar essa folha em um pequeno livro. Foi a principal inspiração por conta da aparência similar entre um tecido e uma folha de papel. Em conjunto a isso, o formato de espiral se destaca entre as outras possibilidades de recortes de zine por fazer uma conexão com o *tempo espiralar*, conceito desenvolvido por Leda Maria Martins. Esse conceito é desenvolvido pela autora a partir da sua pesquisa sobre como povos africanos e indígenas interagem com o tempo e entendem que o passado, presente e o futuro são interligados dentro de um tempo cíclico (Martins, 2023).

Embora me debruce em narrativas Gregas, lugar onde o Cronos é instaurado, “instituinto uma geração ordenada, consecutiva, mensurável e progressiva” (Martins, 2023, p. 24), venho buscando em meu processo docente-artístico formas de pensar o tempo que não sejam cronológicas, entendendo que existem vários tempos: o tempo do relógio, o tempo psíquico, o tempo do processo, o tempo da vida. Martins (2023, p. 39) investiga o tempo como lugar de inscrição de conhecimento, que reverbera na nossa pele, entendendo que “as performances são e constroem epistemologias”, de e modo a entender a forma do tempo como uma espiral, que vai e volta.

Assim, tento olhar para essa ancestralidade que tanto nos aprisiona, dentro de conceitos que não se encaixam com as nossas necessidades – como equilibrar trabalho, estudo, relações sociais, vontades e descanso em um tempo que apenas vai para frente - a partir de outra cosmologia que também nos é herdada. Essas mitologias gregas ainda fazem parte do nosso presente, nos influenciam e nos ensinam sobre um outro tempo que ainda se faz presente. Não é à toa que ainda é possível conectar histórias como a de Penélope com diferentes mulheres na atualidade.

A espiral nesse caderno-colcha é uma tentativa de quebrar com a cronologia da feitura de cada página, propondo uma conexão entre os conteúdos presentes nelas, em vez de uma ordem cronológica, de forma a criar uma espiral do tempo que expressa o processo dentro do fluxo de pensamento, de ligação pessoal com os conteúdos. Assim, além de ser um caderno de artista, esse objeto se transforma em um meio de conectar mitologias, costura, artistas e minhas reflexões feitas durante o percurso da pós-graduação, expressando esses tempos - mentais e de vida.

Rosie Lee Tompkins foi também uma das inspirações para o caderno-colcha, por construir, em sua obra, grandes colchas que refletiam seus pensamentos sobre a política e a cultura dos Estados Unidos, de forma a parecerem colagens por unir retalhos de cores, imagens, pinturas e tecidos em uma grande colcha. Quase como uma junção de um grande fluxo de consciência da artista, inscrevendo o seu pensamento de forma artística nessas colchas. A colcha-caderno ata-se em ponto a essa resposta estética da artista estadunidense, com a intenção de referenciar artistas mulheres que utilizam o têxtil, em principal retalhos de tecidos, como suporte artístico.

**Figura 2 - Sem título**



Fonte: Rosie Lee Tompkins, 1996.

Com isso, também referencio minha avó, todas as mulheres, reais e mitológicas, e seu saber geracional sobre os fazeres têxteis. Ao encarar essas técnicas como lugar de persistência da memória coletiva, que é passada dentro dessa educação informal, retorno a Martins que entende que essa troca também é ambiente de memória:

[...] a memória do conhecimento não se resguarda apenas nos lugares de memória (*lieux de mémoire*), bibliotecas, museus, arquivos, monumentos oficiais, parques temáticos etc., mas constantemente se recria e é transmitido pelos ambientes de memória (*milieux de mémoire*), ou seja, pelos repertórios orais e corporais, gestos hábitos, cujas técnicas e cujo procedimentos de transmissão são meios de criação, passagem, reprodução e de preservação dos saberes. (Martins, 2023, p. 40).

Assim, além de refletir sobre as feitura manuais, meditativas e experimentais – e não apenas nas questões artísticas –, é preciso também pensar na docência e no lugar da arte têxtil na sala de aula: pensar sobre sua importância, pensar nos motivos pelos quais está ausente e em como o professor pode ser um criador de frestas e catalisador de memórias.

Voltando nosso olhar para o currículo de arte nas escolas – que é um campo de estudos por si só – podemos perceber que ele ainda é pautado nos ideais da arte moderna, que carrega consigo conceitos muito marcados sobre o que é arte, que não abarcam diversas manifestações, entre elas o artesanato, além de carregar consigo ideais machistas, que estão impregnados em nossa sociedade Ocidentais. Assim, embora a produção têxtil faça parte do nosso cotidiano, da nossa cultura e da nossa história, pouco ou quase nada é visto sobre esse assunto em sala de aula. Assim, o caderno-colcha também vem me impulsionando a expor a arte têxtil em sala de aula, o que tem me aberto frestas para discutir com os alunos várias questões que fazem parte do cosmos do têxtil.

A escritura sobre o processo da colcha será feita de forma poética, buscando escrever uma narrativa para esse processo que foi contínuo. Assim, intercalando texto e imagem, entendo que cada página por si só também é um texto.

## 4 A COSTURA

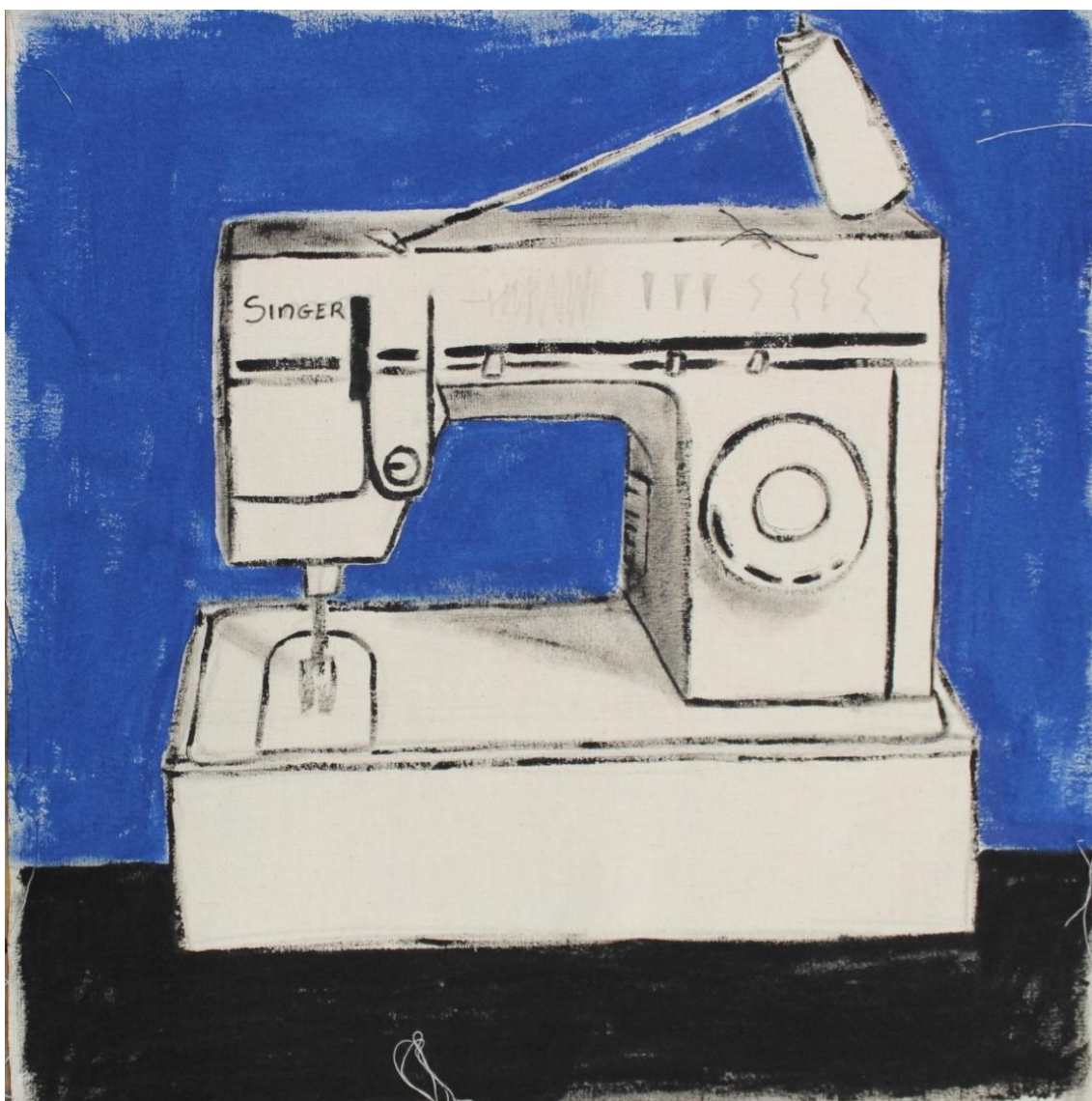
Figura 3 - Caderno-Colcha



Fonte: Acervo da Autora, 2025.

Fala-me, tu, que astuto se manteve entre as mulheres de agora. Tu, que da fibra, fez-se fio, e, de fio, costura, que cerziu os retalhos da história, da memória e da vida. Conta-me sobre os destinos traçados que se romperam, sobre o poder que tu tem sobre passado, presente e futuro.

No tempo em que tudo se encontra, o início é fim e início. Olhemos para o passado, nosso norte, para vermos os caminhos austrais à frente.

**Figura 4 - Página-retalho 1**

Fonte: Acervo da Autora, 2025.

O caderno foi feito do jeito que a minha vó me ensinou a costurar: juntando retalhos. Ela tinha muitos, que ficavam guardados dentro de um saco plástico embaixo da cama. Com aqueles retalhos aprendi a fazer fronhas, roupas de bonecas, cortinas e, minhas favoritas, colchas de retalhos. Demorava muito, cansava cortar os triângulos, costurar cada um deles na máquina. Tinha que ser paciente, mas eu adorava. Não via as horas passarem e não sentia fome. Era como me transportar para um outro lugar, longe e perto ao mesmo tempo.

Costurar foi um dos maiores ensinamentos de minha avó, um dos mais valiosos para ela. Ela que sempre dizia que eu seria artista por ser paciente – por ter uma voz grave, que afinou conforme eu crescia – me incentivava a fazer de tudo um pouco. É dela que herdei minha curiosidade pela arte, todas as artes, em principal tudo que possa ser feito com as mãos e que envolva uma linha.

**Figura 5 - Página-retalho 2**



Fonte: Acervo da Autora, 2025.

**Figura 6 - Página-retalho 3**



Fonte: Acervo da Autora, 2025.

**Figura 7 - Página-retalho 4**



Fonte: Acervo da Autora, 2025.

Esses fazeres se apresentam como um momento de meditação, reflexão do eu, do inconsciente. Por muito tempo, esqueci de momentos da minha infância – um grande apagão da minha memória – que me marcaram e que sabia que existiam mas não os conseguia acessar no torvelinho da memória. A claridade só fez parte delas quando voltei a costurar, passando o fio na agulha, enchendo a bobina, cortando tecido, pressionando o pedal, ouvindo o barulho da máquina. Pensar não pensando. Deixar-se agir, enquanto a mente matuta sem som, com sentimentos, cores e imagens. Na superfície, eis aquilo que o inconsciente enterrou a oito palmos. Aquilo que só se vê em forma de sintoma, o enjoo, a raiva, o vômito, se fazem entender.

**Figura 8 - Página-retalho 5**



Fonte: Acervo da Autora, 2025.

Penso se foi assim para minha vó também. Ela tinha insônia, sempre costurava de madrugada, e como morávamos perto da Av. Brasil, o barulho era o menor dos problemas. Ela não teve uma vida mole: nasceu no Chapadão, teve três filhos e um marido abusivo. Demorou para conseguir um emprego que pagasse bem. Antes disso, usou o que aprendeu com sua mãe para ganhar dinheiro. Costurar, para minha vó era mais do que um passatempo, era meditação e sustento.

Sustentar três filhos sem suporte hoje em dia já não é fácil, imagina naquela época. Teve que ralar. Costurava para todos os cantos, tudo era possível de fazer. Embora não fosse por isso que ela aprendeu a costurar, foi pra isso que ela usou.

Minha vó é Moira, tecendo seu próprio caminho. Foi Aracne, desafiando o seu destino. Foi Penélope, como tantas outras e com tantas outras, usou a inteligência para transformar a delicadeza em poder. Se construía de dia, se desfazia à noite sob a luz amarela do quarto.

**Figura 9 - Página-retalho 6**



Fonte: Acervo da Autora, 2025.

Nunca foi só sobre costura, sempre foi sobre como criar frestas. Manipular a realidade para viver com algum respiro. O fio evoca o passado, trazendo com os saberes das mãos as ideias que vibravam por trás. Com isso, as figuras grandiosas se repetem no cotidiano, heranças que carregamos.

No reino da razão, o sentido não se encontra nesse caminho. Como pode a matéria evocar o espírito, a mão construir pensamento, e o fio ser contínuo? Tudo isso faz parte de outra lógica, que não cabe apenas no mundo das ideias. Quando se fala do sensível, a caverna não é suficiente.

**Figura 10 - Página-retalho 7**



Fonte: Acervo da Autora, 2025.

São necessárias outras formas de pensar! Ver as outras heranças, aquelas que foram enterradas, apagadas, higienizadas, com a mesma intensidade. A colônia foi formada por muitos, não apenas pelo saber do colonizador.

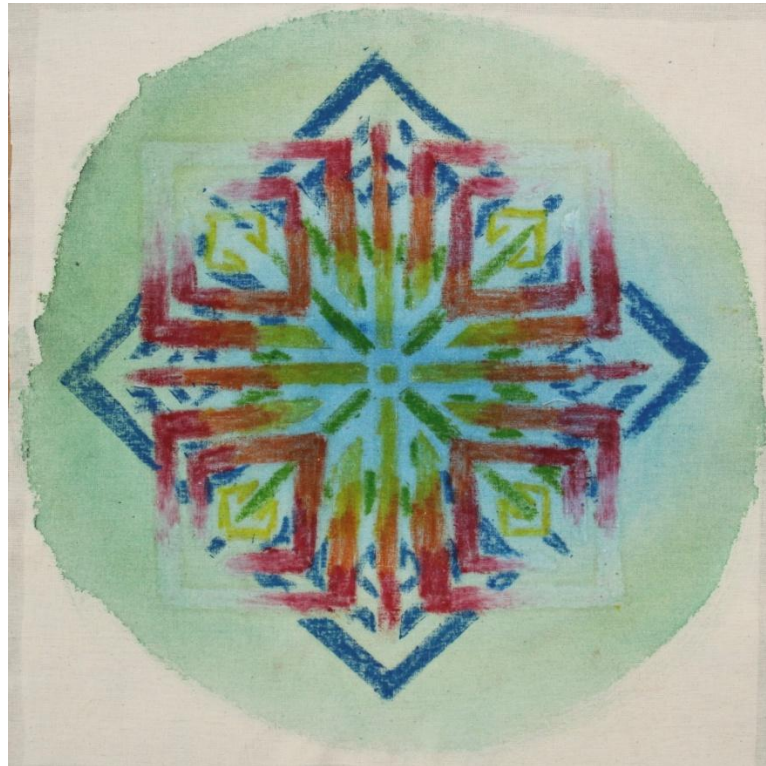
É preciso ver o corpo como potência de (des)construir lógica. Para que tenhamos outras referências, outros olhares, outras formas de estar e ser no mundo.

**Figura 11 - Página-retalho 8**



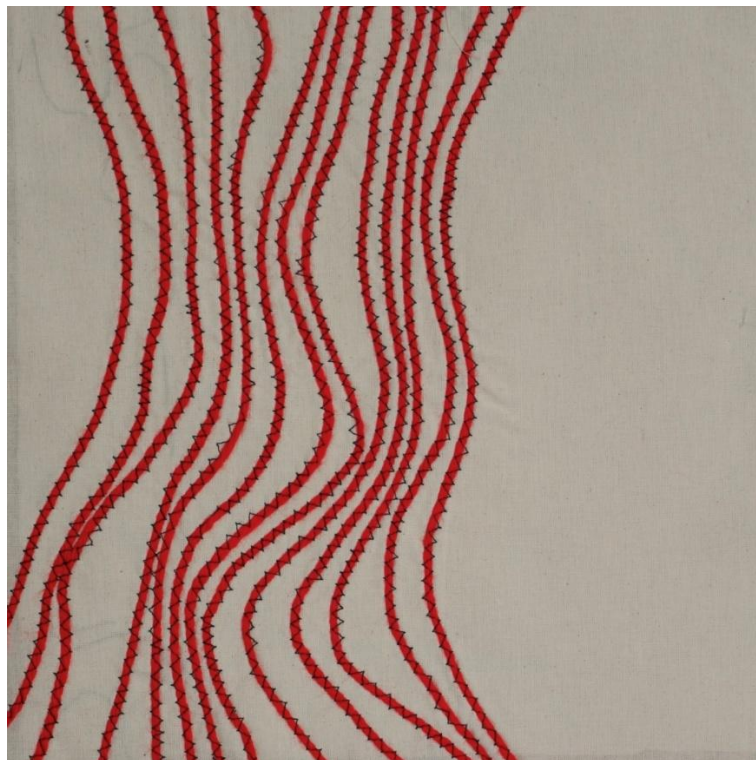
Fonte: Acervo da Autora, 2025.

**Figura 12 - Página-retalho 9**



Fonte: Acervo da Autora, 2025.

**Figura 13 - Página-retalho 10**



Fonte: Acervo da Autora, 2025.

Eu me vejo no olho do furacão, onde tudo rodopia, gira, vem pra lá e vai pra cá. A espiral, cheia de força, fazendo tudo se encontrar no mesmo lugar, de forma confusa, indo para cima e para baixo e para cima de novo. Como, não sei dizer, mas o passado, o presente e o futuro se encontram no mesmo lugar. Nesse movimento contínuo, vou andando e me refazendo a cada passo, enquanto recolho os retalhos que observo.

**Figura 14 - Página-retalho 11**



Fonte: Acervo da Autora, 2025.

Me refaço a cada aula, a cada dia, a cada coisa que vejo. Os retalhos agora não são apenas tecidos, são pensamentos, que parecem distantes um do outro, mas enquanto seguem o fluxo do vento, se encontram, e se desencontram de novo. Enquanto vibram ao

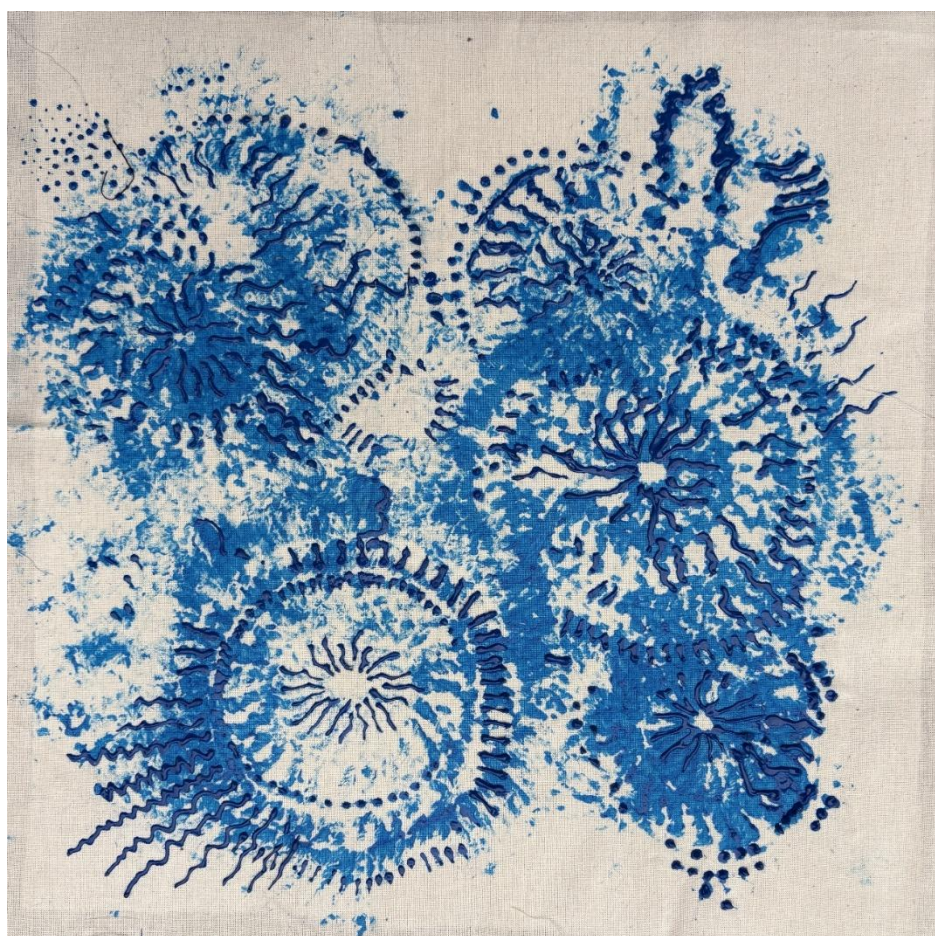
meu redor, continuo a me refazer para dar conta deles. Mas me refaço não apenas para encontrar sentido, mas para ganhar tempo.

Ganhar tempo, enquanto dou aula e estudo. Ganhar tempo entre uma aula e outra. Ganhar tempo entre o carinho e a violência da sala de aula.

Depois que comecei a dar aula, o reino da razão pareceu cada vez mais distante. Ele não faz mais sentido para mim, para os estudantes, muito menos para toda essa estrutura, que se sustenta em instituições falhas. Não faz sentido cinquenta minutos para falar sobre algo, fazer uma pintura, enquanto dou conta da atividade do Dia das Mães e não deixo o Fernando morder o Joaquim. Não faz sentido ser ignorada a todo momento pelos coordenadores, pelos diretores, pelos outros professores, mas ser a primeira a ser cobrada pra deixar a escola *viva*, como as falsas plásticas plantas dos jardins dos lugares em que dei aula.

Me refaço, não porque gosto, mas pelo que acredito e pelo que preciso. Construir essa carcaça permeável, para me sustentar nos espaços caóticos.

**Figura 15 - Página-retalho 12**



Fonte: Acervo da Autora, 2025.

Apreendi, com a costura, que a luta não se faz apenas pela violência, mas também nas minúcias, com as delicadezas. Crio minhas frestas em sala de aula para poder estar, entender, ensinar e aprender com eles. Durante os cinquenta minutos, faço o que posso para trocar com meus alunos, inspirá-los a criar algo de que sintam orgulho, por mais que seja mais um cartão de Dia das Mães.

Partilhar o sensível com eles é ver o mundo por outros olhos, é entender que cada um tem sua espiral interna. Cada um tem o seu tempo, que não cabe em cinquenta minutos.

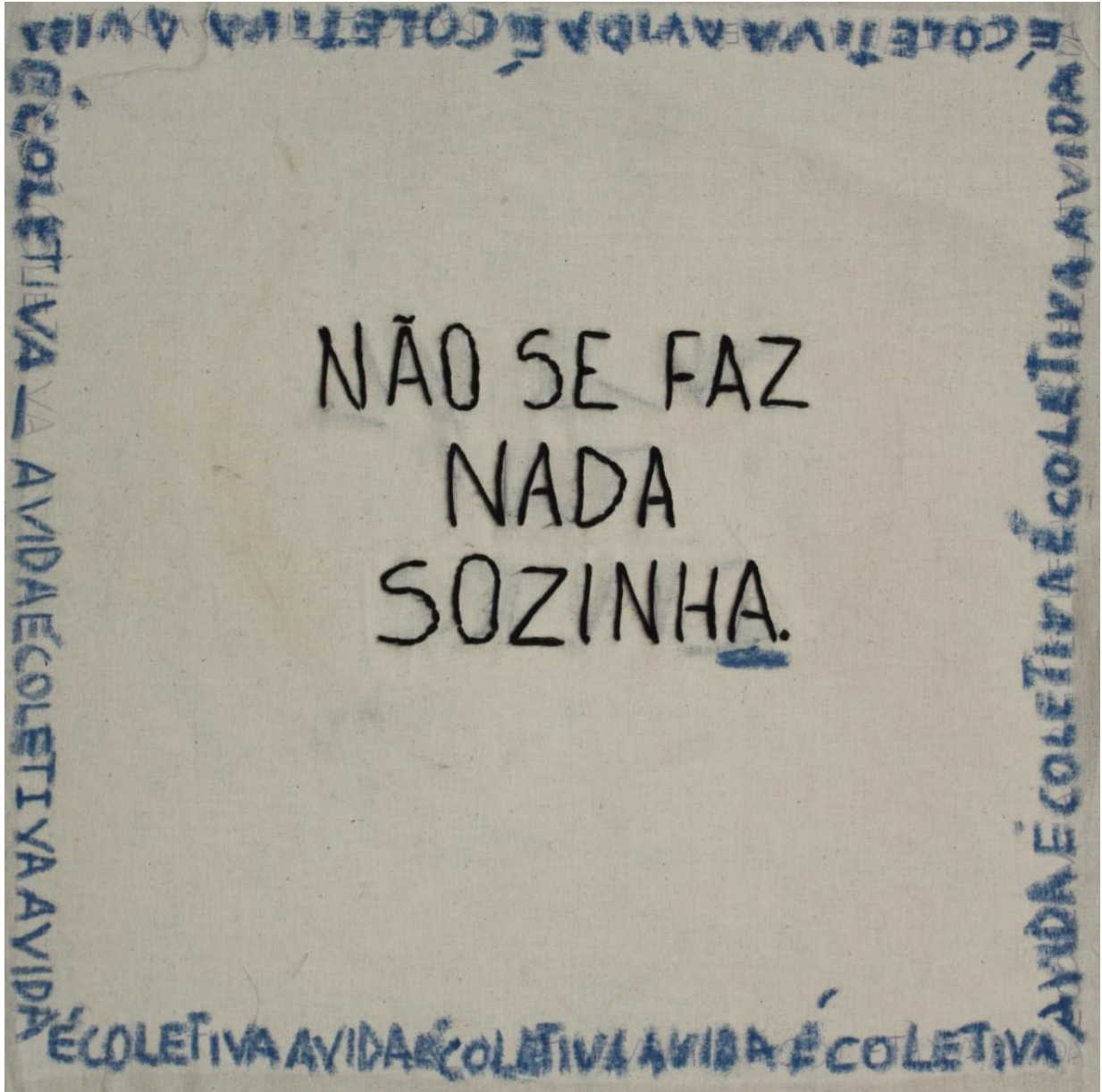
**Figura 16 - Página-retalho 13**



Fonte: Acervo da Autora, 2025.

Unir esses pensamentos em um lugar físico só foi possível em conjunto. A ventania trouxe outras ideias para girarem no furacão, e outras pessoas para olharem comigo para ele. Olhares presentes, olhares do passado e olhares do futuro adicionam mais um retalho nessa costura, que muda o meu destino.

Figura 17 - Página-retalho 14



Fonte: Acervo da Autora, 2025.

**Figura 18 - Página-retalho 15**



Fonte: Acervo da Autora, 2025.

**Figura 19 - Página-retalho 16**



Fonte: Acervo da Autora, 2025.

**Figura 20 - Página-retalho 17**

Fonte: Acervo da Autora, 2025.

Falam que não se pode mudar o destino, pois são as Moiras que tomam conta dele e os piores castigos são destinados àqueles que não seguem o fluxo do fio. É o mesmo fio que passa na máquina em que costuro, é o mesmo fio que forma bolsas de crochê, é o mesmo fio que sustenta uma casa, é o mesmo fio que passa pela mão dos meus alunos na hora de tecer. É só enxergar a sua potência para saber que o destino é mudado a todo momento, por nós. O fluxo é mudado a cada fibra que adicionamos, a cada escolha que fazemos.

A costura, o bordado, o crochê, o tear, o macramê, o tricô... o têxtil é muito mais do que esperam que ele seja. Minha avó aprendeu com a mãe dela, não para virar costureira, mas para colocá-la no lugar domesticado, com o olhar baixo, do cuidado com o outro. Eu venho aprendendo com a minha avó a não olhar as coisas como imutáveis.

**Figura 21 - Página-retalho 18**



Fonte: Acervo da Autora, 2025.

**Figura 22 - Página-retalho 19**



Fonte: Acervo da Autora, 2025.

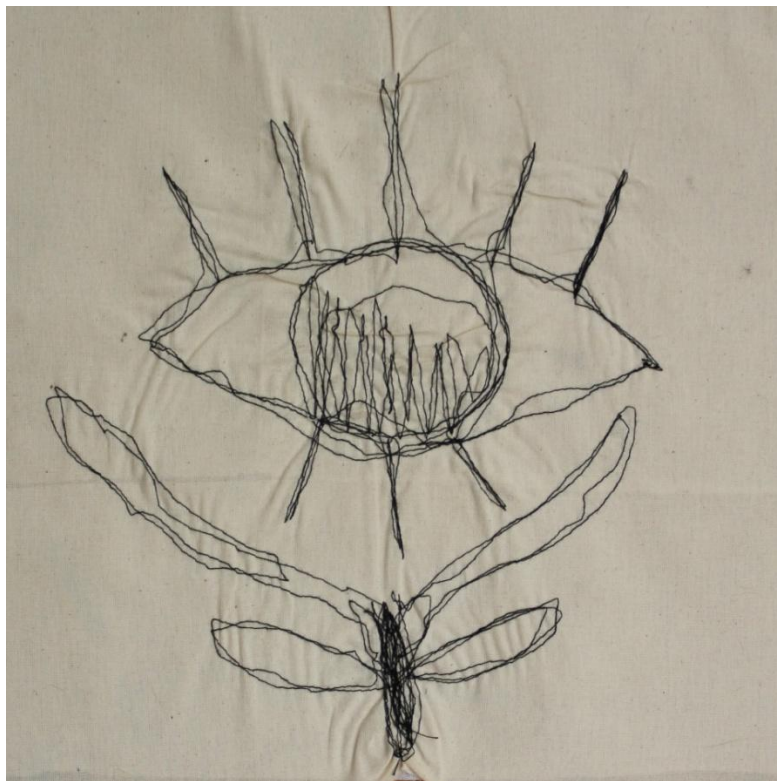
**Figura 23 - Página-retalho 20**

Fonte: Acervo da Autora, 2025.

Com o têxtil, vêm as heranças do feminino, de comportamento e de dominação. Mas quantas são as histórias de como vender suas produções sustentou essas mulheres, possibilitou sair de relações abusivas ou construir conexões com outras mulheres. Nós ressignificamos o nosso entorno a todo momento, ao mesmo tempo que somos moldados para nos encaixarmos nos padrões. Esses que não devem ser permanentes.

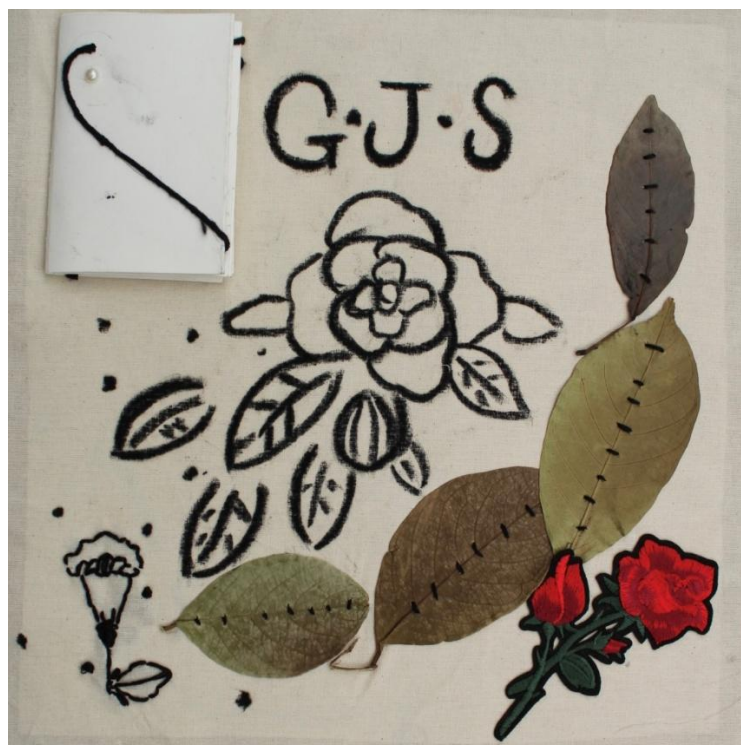
Refletir sobre a minha avó e sua costura, é refletir sobre o feminino, sobre arquétipos, sobre a docência, sobre meus referenciais, sobre o tempo.

**Figura 24 - Página-retalho 21**



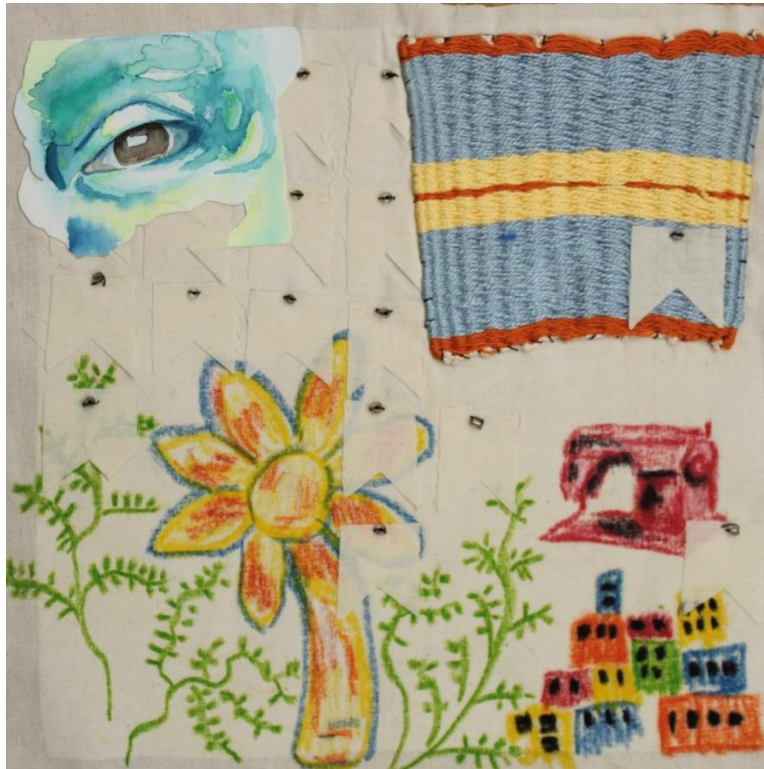
Fonte: Acervo da Autora, 2025.

**Figura 25 - Página-retalho 22**



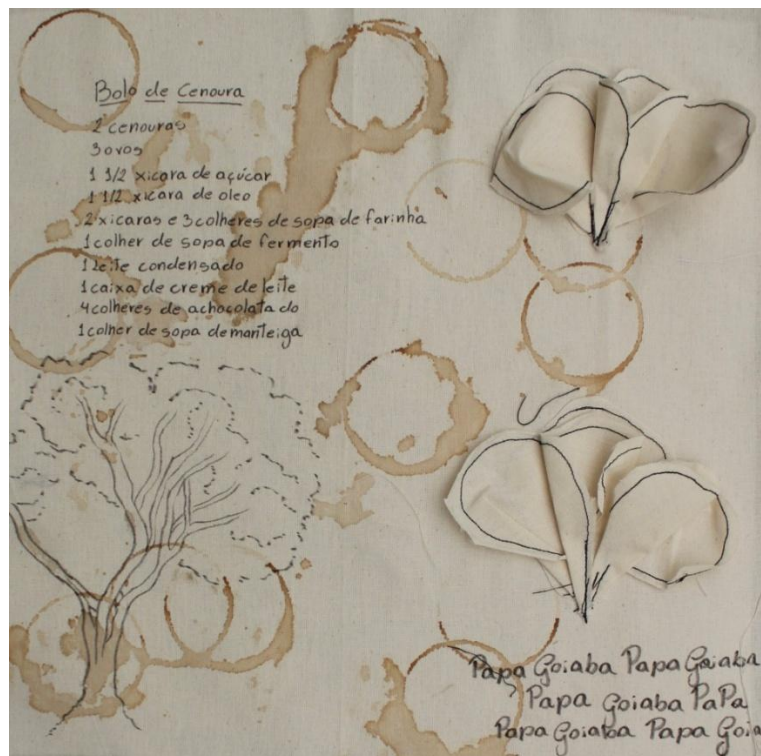
Fonte: Acervo da Autora, 2025.

**Figura 26 - Página-retalho 23**



Fonte: Acervo da Autora, 2025.

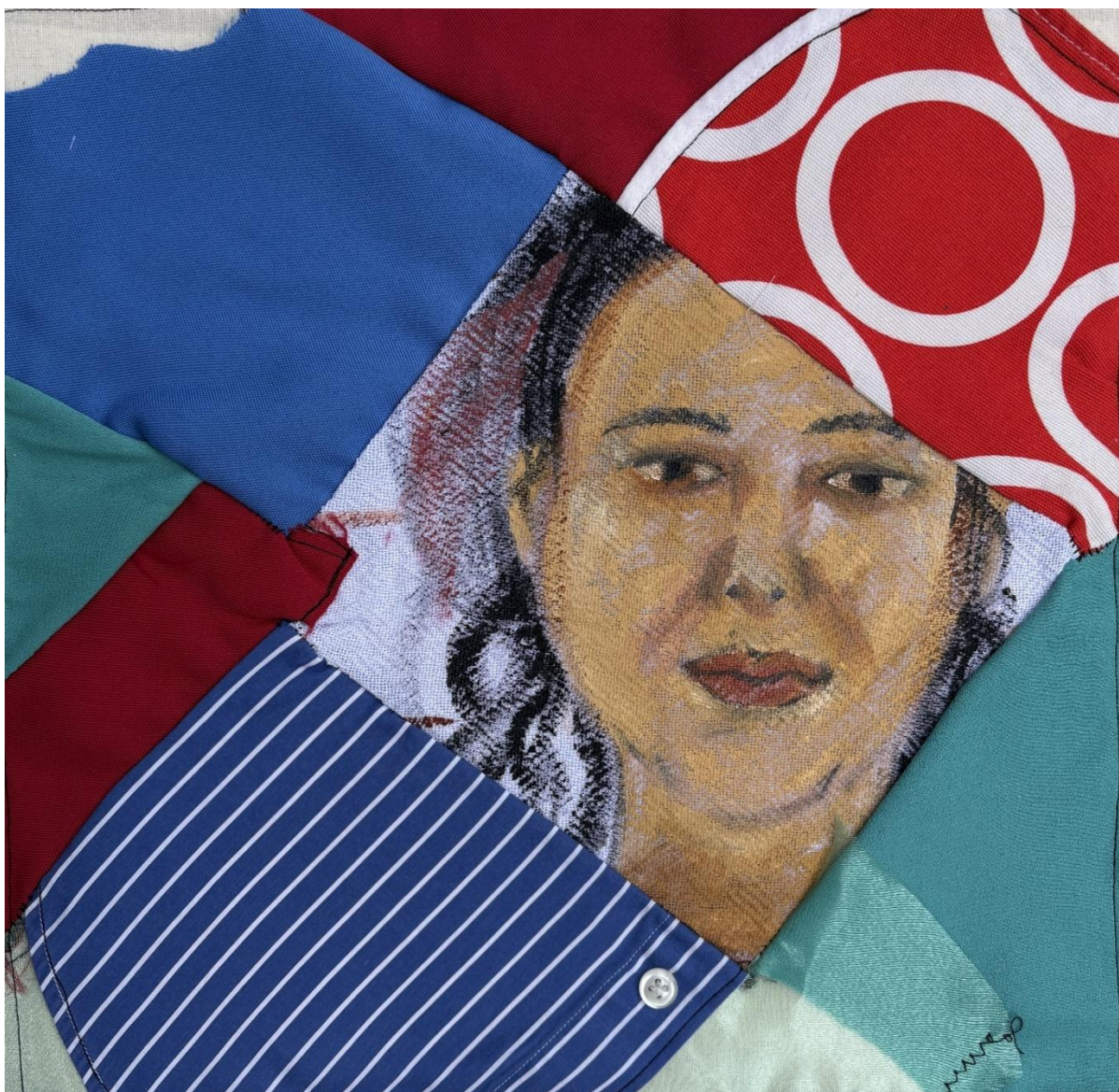
**Figura 27 - Página-retalho 24**



Fonte: Acervo da Autora, 2025.

Construir esse caderno me deu a possibilidade de tentar organizar os retalhos, antes do vento voltar a ventar. Parar por alguns – muitos – segundos e refletir, pensar com as mãos, compartilhar, entender as ideias que me circulavam e elaborar novas, de forma consciente e inconsciente. Esse caderno, construído da forma como a minha avó me ensinou, costurando retalhos, é a minha espiral, meu furacão.

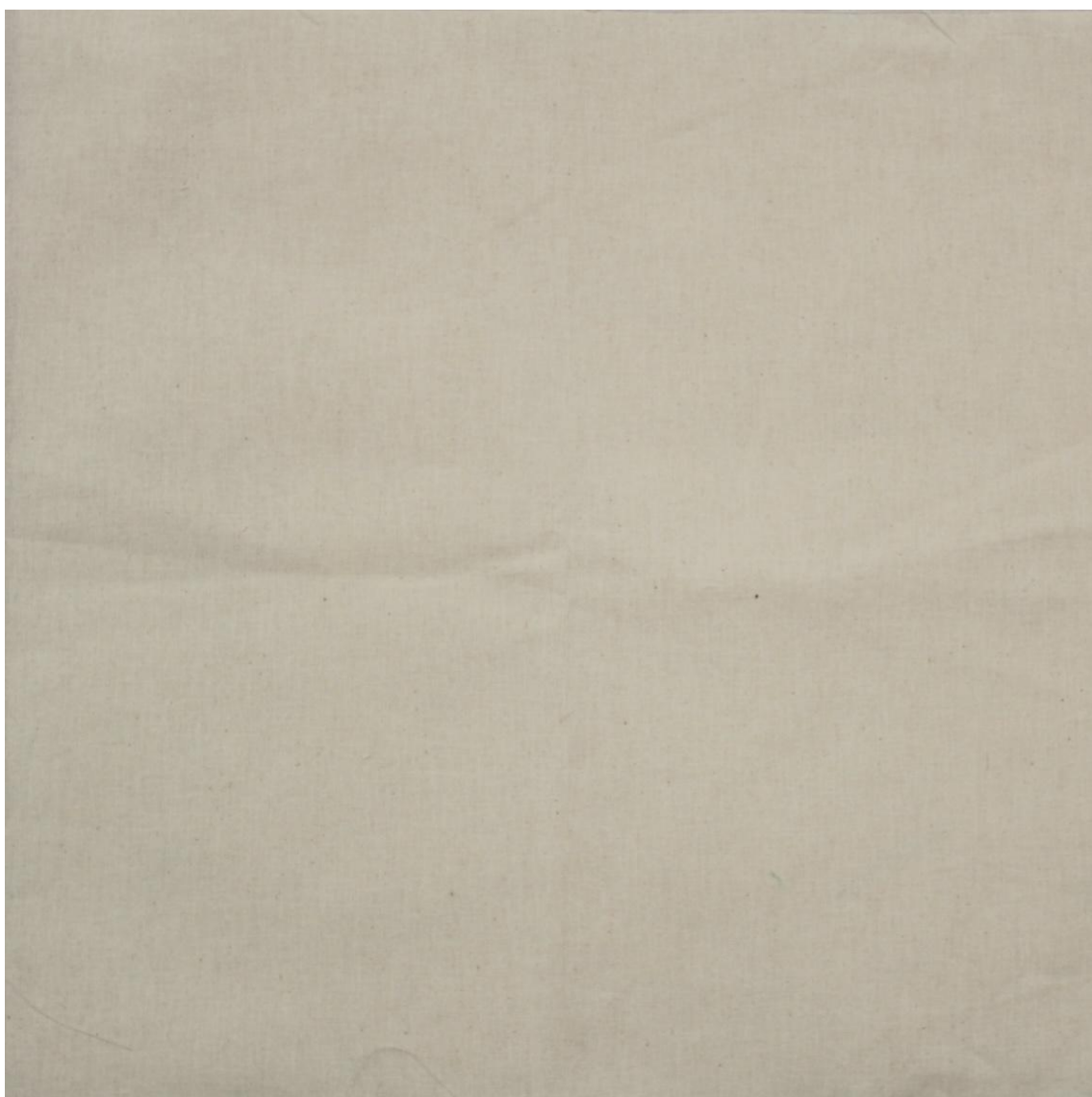
**Figura 28 - Página-retalho 25**



Fonte: Acervo da Autora, 2025.

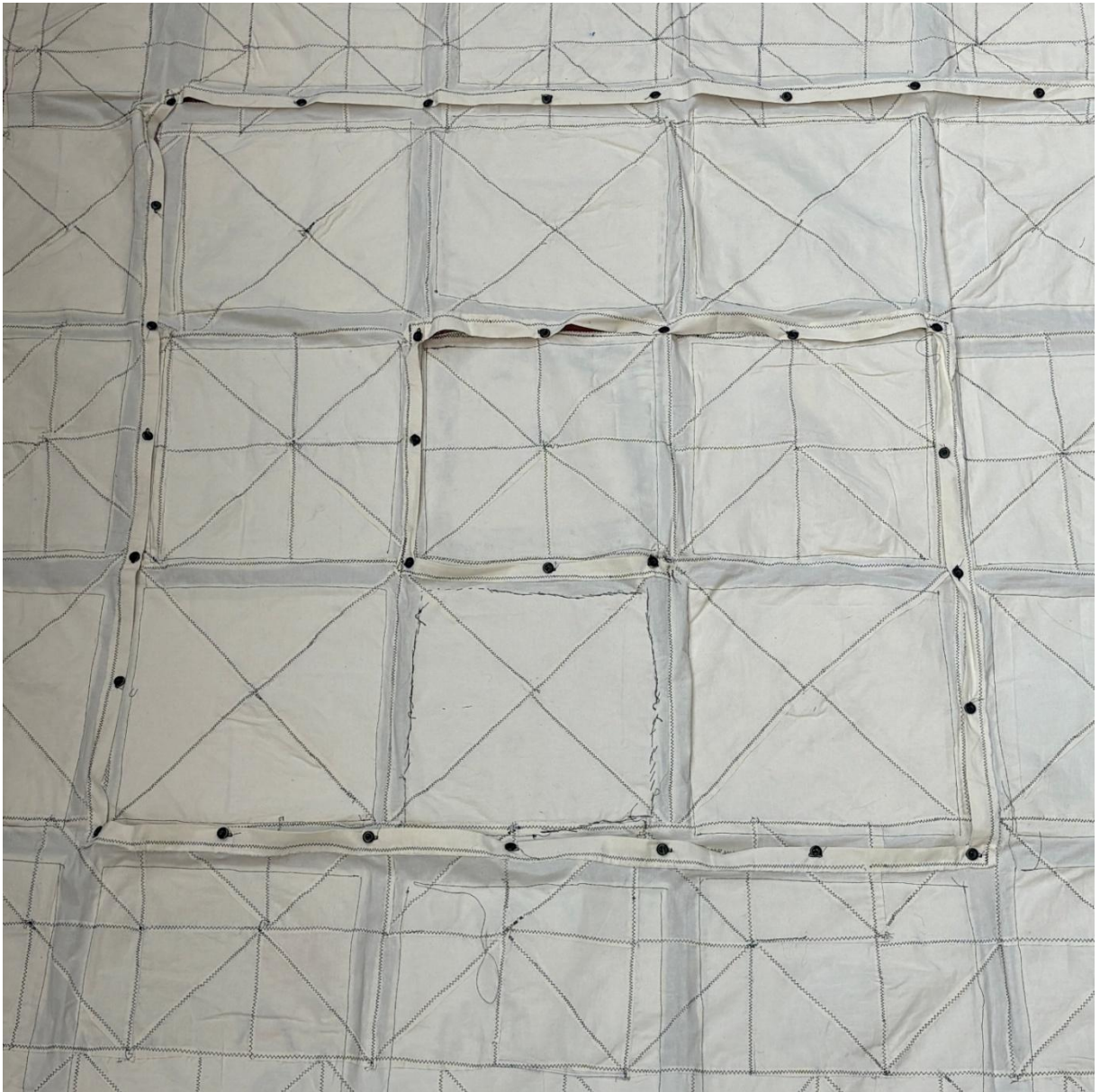
Que continua girando...

**Figura 29 - Página-retalho 26**



Fonte: Acervo da Autora, 2025.

**Figura 30 - verso do Caderno-Colcha**



Fonte: Acervo da Autora, 2025.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude das questões apresentadas neste trabalho, considero que o *fazer especial* têxtil está ligado a algumas camadas, em principal, à possibilidade de dar a mulheres a independência financeira necessária para se sustentar ou para sair de uma situação de risco. Ter uma ferramenta inicialmente inserida dentro de um grupo social, transformando a opressão em uma ferramenta de empoderamento financeiro, intelectual e estético é muito poderoso. Além de ser uma forma de resistência cultural ao epistemicídio branco, europeu e (ir)racional.

Isso se potencializa ainda mais tendo em vista a influência dos mitos gregos na contemporaneidade Ocidental. Os arquétipos presentes nas mitologias se refletem no comportamento humano, por isso é sempre importante revisitá-los, com novos olhares para poder entender a nossa herança e interpretar a história a partir de um olhar atual. Deve-se visitar e reler o mito Penélope, que se reflete em várias instâncias do feminino no contemporâneo, pela ótica subversiva.

Importante ressaltar que a nossa cultura, enquanto povo colonizado, não é apenas influenciada pela cultura ocidental europeia, mas também por todas as outras ricas culturas como as dos povos originários e dos países africanos. Esse trabalho se limitou às mitologias gregas por questões de cronograma, mas é apenas o início de uma pesquisa que busca aumentar os horizontes de figuras que contém histórias sobre essa ligação do ser humano com o têxtil. Saber dessas histórias é uma forma de empoderamento desses fazeres manuais e, em principal, tendo em vista as mitologias descritas nesse trabalho, das mulheres que trabalham com o têxtil.

As técnicas têxteis são um campo fértil para a produção artística, que deve ser valorizada com mais veemência. Além de ser de extrema importância que haja uma visibilidade maior dessas técnicas, de artistas e de suas histórias, em sala de aula, para que haja mais representação feminina, possibilitando, com isso, uma conexão afetiva dos alunos com o conteúdo, por serem práticas comuns a diversas famílias. Acredito também que a camada meditativa é extremamente importante de ser exercitada em aula, tendo em vista a grande influência das redes sociais nas questões emocionais e comportamentais na atualidade.

O *fazer especial* têxtil em minha produção foi de extrema importância para poder visualizar como conectar todas essas questões enquanto as elaborava durante a sua produção. O caderno-colcha é uma investigação em constante expansão sobre o têxtil: técnicas, artistas, histórias, teorias, partilhas e reflexões. Assim, costurei mentalmente e

fisicamente, de forma contínua, os retalhos que fazem, fizeram e farão parte desse universo.

## REFERÊNCIAS

BEZERRA, Luciana da Silva. *Entre nós – o mito das Parcas: as fiandeiras do destino*. In: *Penélope do contemporâneo na escrita de Juana Ruas e Lidia Jorge*. Rio de Janeiro, 2006. p. 14–17.

BRASIL. *Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Presidência da República, [s.d.]. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 17 jul. 2025.

BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 17 jul. 2025.

BRASIL. Senado Federal. Agência Senado. *Para lei escolar do Império, meninas tinham menos capacidade intelectual que meninos*. Por Ricardo Westin. Brasília, DF: Senado Federal, 2 mar. 2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/nas-escolas-do-imperio-menino-estudava-geometria-e-menina-aprendia-corte-e-costura>. Acesso em: 17 jul. 2025.

HOMERO. *Odisseia*. Tradução: Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin-Companhia, 2011. (Coleção Clássicos Penguin).

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Coleção Encruzilhada. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

NOGUERA, Renato. *Mulheres e deusas: como as divindades e os mitos femininos formaram a mulher atual*. 1. ed. São Paulo: HarperCollins Brasil, 2017.

O FIO QUE SUSTENTA. YouTube, Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, 16 jul. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9bHS6ydyj1s>. Acesso em: 16 jul. 2025.

OVÍDIO. *As metamorfoses*. Edição bilingue. Organização de Mauri Furlan e Zilma Gesser Nunes; tradução de Cláudio Aquati et al. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

PARKER, Rozsika. *A criação da feminilidade*. In: PEDROSA, Adriano; CARNEIRO, Amanda; MESQUITA, André (orgs.). *Histórias das mulheres, histórias feministas: antologia*. São Paulo: MASP, 2019. p. 95–109.

RICHTER, Ivone Mendes. *Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais*. 1. ed. São Paulo: Mercado de Letras, 2003.

SMITH, Roberta. *The Radical Quilting of Rosie Lee Tompkins*. *The New York Times*, 26 jun. 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/interactive/2020/06/26/arts/design/rosie-lee-tompkins-quilts.html>. Acesso em: 17 jul. 2025.

WALSH, Catherine. “Gritos, gretas e sementeiras de vida: entreteceres do pedagógico e do colonial”. In: SOUZA, Sueli Ribeiro Mota; SANTOS, Luciano Costa (Org.). *Entre-linhas: educação, fenomenologia e insurgência popular*. v. 6. Salvador, BR: EDUFBA, 2019.